

# País deve cortar déficit externo em US\$ 6 bi

Estimativa é de redução do saldo negativo de US\$ 23 bi em 2001 para US\$ 17 bi este ano

LU AIKO OTTA

**B**RASÍLIA – O cenário da economia mundial poucas vezes esteve tão cinzento. Mesmo assim, o Brasil deverá conseguir cortar em cerca de US\$ 6 bilhões o déficit de suas transações com o exterior neste ano. A estimativa é de que o saldo negativo de US\$ 23 bilhões registrado em 2001 caia para perto de US\$ 17 bilhões.

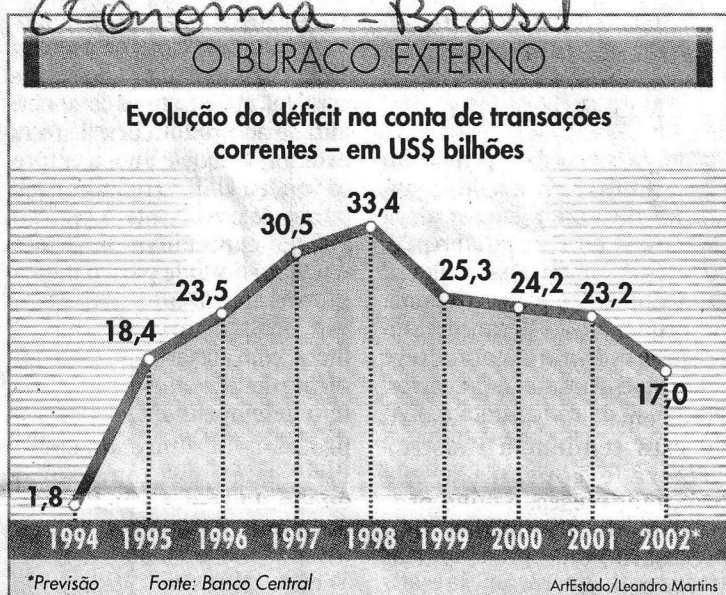
“É uma virada surpreendente”, disse o secretário-adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Arno Meyer. “O déficit vai cair US\$ 6 bilhões num momento ruim do cenário externo, em que as principais economias do mundo estão estagnadas e há uma onda crescente de protecionismo, além do colapso da economia argentina.” Ele acredita que esse processo continuará ao longo do ano que vem.

O próprio governo esperava um processo mais lento para a melhora das contas externas. No início do ano, as estimativas eram de um déficit próximo a US\$ 20 bilhões em 2002. Essa recuperação, que fica ofuscada em meio às turbulências tanto no mercado externo quanto no interno, se deve principalmente ao crescimento do saldo da balança comercial, impulsionado pela desvalorização do real.

Com maior ingresso líquido de dólares do comércio exterior, o País depende cada vez menos de financiamentos e investimentos estrangeiros para fechar suas contas externas. Fica, portanto, um pouco menos vulnerável às oscilações de humor do mercado internacional.

Os economistas do governo acreditam que a redução do déficit externo deve-se a mudanças mais profundas e permanentes na economia do que a simples alta do dólar. Na avaliação deles, as contas do Brasil com o exterior passam por um processo de mudança estrutural.

Essa foi a afirmação feita pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, na quarta-feira, ao comentar a viagem que fará nesta semana a Madri, Londres e Paris. Na mesma semana, o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, estará em Basiléia,



Amsterdã e Frankfurt. O objetivo é convencer os bancos a voltarem a emprestar às empresas brasileiras. O governo aposta que o bom desempenho das contas externas puxará a recuperação da confiança internacional na economia brasileira.

“Há uma mudança estrutural no balanço de pagamentos do Brasil”, disse Arno Meyer. “Estamos reduzindo nossa necessidade de poupança externa rapidamente, e isso decorre da desvalorização cambial.” Ele acredita que essa mudança no perfil do balanço de pagamentos seja uma demonstração sobre a eficiência do sistema de câmbio flutuante, adotado pelo Brasil em janeiro de 1999.

A desvalorização do real em relação ao dólar, agravada a partir de junho, transformou o perfil das contas externas brasileiras. O dólar caro inibiu importações de produtos e serviços e outros gastos no exterior – como viagens, por exemplo. As despesas brasileiras em dólar ficaram menores também por causa da redução das linhas de crédito internacional ao País.

Muitos empréstimos concedidos a empresas por suas matrizes no exterior acabaram convertidos em investimentos diretos. Já as exportações brasileiras foram estimuladas, pois os produtos se tornaram mais competitivos no mercado externo.

A novidade, na avaliação dos economistas do governo, são outras mudanças provocadas pela desvalorização do real que independem da cotação do

dólar e vieram para ficar. O economista Roberto Iglesias, também secretário-adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, acha que o Brasil está começando a colher os frutos dos investimentos feitos para substituir, de forma competitiva, as importações.

Desde 1999, com o fim do dólar fixo, muitas empresas trocaram seus fornecedores estrangeiros por nacionais. O efeito estaria aparecendo agora na balança comercial, respondendo por parte da queda na importação de produtos intermediários.

**Problemas** – A melhora no balanço de pagamentos não significa, porém, a superação de todos os problemas nesse front. Arno Meyer reconhece que ainda há focos de preocupação, como a escassez de crédito externo para as empresas brasileiras. Ele acredita,

porém, que essa dificuldade será superada gradualmente.

Meyer acha que as incertezas sobre a economia brasileira estão se dissipando, e ficarão ainda menores a partir de novembro, quando o futuro presidente da República será conhecido.

Outra fonte de preocupação é o risco do início de um conflito no Oriente Médio. Uma guerra seria um ingrediente a mais na série de eventos que levaram os investidores internacionais a uma atitude extremamente cautelosa quanto a riscos. Os maiores prejudicados com esse processo, lembrou Meyer, são os países emergentes como o Brasil.

## DÓLAR CARO MUDOU PERFIL DAS CONTAS EXTERNAS